

11 novembro de 1912

Meus queridos pais

Mais uma vez nos separamos. E eu sinto uma espécie de revolta que é muda, porque o destino se impõe, mas que faz vibrar todos os meus nervos, as fibras mais íntimas do meu ser como indignadas de se separarem das pessoas que mais queridas me são. É uma revolta que se resigna mas por momentos me exaspera, separar-me da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos e tias e viver longe e só, não é mesmo ir contra as leis da natureza ou não, o que eu sei, é que nos sentimos remexidos no mais profundo do nosso organismo.

Os últimos momentos foram tão rápidos que mal tive tempo de os sentir. E em menos de uma hora passei do sossego do quarto de serão para o bulício do vapor carregado de Gregos.

Assim que cheguei tive que atravessar três ou quatro vezes uma parte immunda do vapor para chegar à cabine de segunda classe onde acomodei a minha mala e caixotes. E quando voltei já não os vi, subi para a primeira câmara, procurei com avidez o barco, mas o imenso escuro não deixava distinguir os barcos, muito menos as pessoas... e fiquei com a saudade de não tornar a ver as silhuetas queridas que só d'aqui a um ano tornarão a aparecer. As luzes distinguindo-se no escuro da noite davam à cidade um aspecto mais magestoso, o vapor às 10 menos uns minutos

começou em andamento e as estrelas impassivas e muito belas contemplavam as dores e os destinos humanos, a ilha muito escura ia correndo e eu recordando sítios queridos, que aí ficavam mudos no mistério da noite e que só d'aqui a um ano lhes contaria o passado nos meses de ausência.

A vida assim manda, é necessário obedecer-lhe, e tirar o melhor partido. Perto da meia noite deitei-me no fumoir, onde dormi esplendidamente, e passei Ontem o dia numa óptima disposição. Temos tido uma viagem de rosas, tão boa só fiz no Star Line. Hoje sem esforço nenhum, como vês, estou escrevendo e hei-de ler, amanhã continuarei e darei notícia de Lisboa.